



## Vitruvian Cogitationes - RVC

**MINI-HISTÓRIAS: EVIDÊNCIAS DE APRENDIZAGENS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

*MINICUENTOS: EVIDENCIAS DE APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN INFANTIL COTIDIANA*

*MINI-STORIES: EVIDENCE OF LEARNING IN EVERYDAY EARLY CHILDHOOD EDUCATION*

**Laercio Francesconi**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí  
laercio.francesconi@unijui.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2340-3721>

**Maria Cristina Pansera-de-Araújo**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí -  
pansera@unijui.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2380-6934>

**Rosa Branca Tracana**

Ci&DEI - ESECD - Instituto Politécnico da Guarda - IPG- Portugal; rtracana@ipg.pt

 <https://orcid.org/0000-0002-0694-8033>

---

**Resumo:** O artigo apresenta discussões sobre a origem, especificidades e finalidades das mini-histórias, documento pedagógico que auxilia os professores a evidenciar e compreenderem as aprendizagens no dia a dia escolar das crianças. Assim, o objetivo geral é investigar as práticas pedagógicas realizadas pelos professores, tendo a documentação pedagógica como suporte para dar visibilidade às aprendizagens realizadas pelas crianças. A partir das atividades das crianças em diálogo com autores, procurou-se analisar as observações, registros fotográficos e vídeo gravações. Os estudos estabeleceram diálogos com Fochi (2019), Vecchi (2013), Altimir (2010) e Galvani (2016). O debate sobre o papel da documentação pedagógica, em especial das mini-histórias, ultrapassa o mero registro das atividades para demonstrar as aprendizagens nas exposições escolares e nos álbuns enviados para as famílias, pois subsidia o planejamento do professor nas atividades prospectadas.

**Palavras-chave:** Fotografia. Registros. Documentação pedagógica.

**Resumen:** El artículo presenta discusiones sobre el origen, las especificidades y los propósitos de los minicuentos, un documento pedagógico que ayuda a los maestros a mostrar y comprender los aprendizajes en la rutina escolar de los niños. Así, el objetivo general es

*investigar las prácticas pedagógicas realizadas por los docentes, teniendo como soporte la documentación pedagógica para dar visibilidad a los aprendizajes realizados por los niños. A partir de las actividades de los niños en diálogo con los autores, tratamos de analizar las observaciones, registros fotográficos y grabaciones de video. Los estudios establecieron diálogos con Fochi (2019), Vecchi (2013), Altimir (2010) y Galvani (2016). El debate sobre el papel de la documentación pedagógica, especialmente de los minicuentos, va más allá del mero registro de actividades para demostrar aprendizajes en exposiciones escolares y en álbumes enviados a las familias, pues subsidia la planificación del docente en actividades prospectivas.*  
**Palabras-clave:** Fotografía. Registros. Documentación pedagógica.

**Abstract:** *The article presents discussions on the analysis of the origin, specificities and purposes of the mini-stories, a specific pedagogical document that helps teachers to show and understand learning in children's school routine. From a study of different sources, an attempt was made to analyze the observations, photographic records and video recordings. The studies established dialogues with Fochi (2019), Vecchi (2013), Altimir (2010) and Galvani (2016). The debate on the role of pedagogical documentation, especially mini-stories, goes beyond the mere recording of activities to demonstrate learning in school exhibitions and in albums sent to families. The mini-stories subsidize the teacher's planning in the prospected activities.*  
**Keywords:** *Photography. Records. Pedagogical documentation.*

---

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma investigação de mestrado acadêmico sobre o protagonismo das crianças na Educação Infantil, registrado na documentação pedagógica. Para Fochi (2019), o registro diário das atividades protagonizadas pelas crianças é compreendido como instrumento reflexivo do trabalho pedagógico dos professores desde as conquistas, descobertas, medos e angústias delas. Documentar o dia a dia da sala é apropriar-se da prática pedagógica do professor mediante uma reflexão diária, em que avalia e planeja as ações com as crianças. A documentação pedagógica é, assim, entendida como uma estratégia central que ajuda professores a investigar, compreender e deixar explícito o sistema de valores, teorias e práticas características da docência, além de constituir a sustentação do conhecimento praxiológico e o testemunho de nossa imagem de criança, de adulto e de escola (Fochi, 2019).

As mini-histórias são uma dimensão comunicativa e testemunhal, situada no desenvolvimento de uma prática que considera o pensamento de uma criança e de um adulto (Altimir, 2010; Fochi, 2015). Ambos compartilham uma jornada de aprendizagem, que concebe a dimensão de uma relação participativa, num espaço privilegiado - a escola -, onde a criança constitui o centro de todo o processo educativo.

A escrita destas mini-histórias ajuda a tornar visíveis pequenos fatos e aprendizagens que, se não forem revelados, deixam muitos aspectos importantes da formação escolar das crianças esquecidos ou perdidos. Fochi (2015) assinala que elas constituem fatos diários das vivências das crianças, que expressam momentos mais significativos e que resultam das construções na sua trajetória escolar. Desta forma, as mini-histórias evidenciam o olhar atento e sensível para a criança e o seu fazer naquele momento. O adulto tem a função de constituir registros fotográficos e relatos escritos para dar sentido ao ocorrido, ao transformar aquele momento em memória formativa – a mini-história.

Ao elaborar as mini-histórias, o professor necessita observar cuidadosamente o que a criança está fazendo e as hipóteses criadas por ela naquele momento. Deste modo, a criança é respeitada e as mini-histórias são elaboradas em suas múltiplas linguagens. Para que a mini-

história tenha sentido, é essencial a fotografia como registro intencional, como afirma Vial (2014, p. 37):

Percebe-se que a documentação através da fotografia não é neutra, pois está carregada de significados e escolhas por aquele que a utiliza para a produção da imagem, tendo em vista resultados que são frutos de um olhar intencional, carregado de subjetividades, pois a fotografia é uma maneira de ver o real e não uma visão em si mesma.

Para a escrita de mini-histórias, a intencionalidade e a seleção dos contextos observados pelo professor é fundamental para definir a forma de tornar visível as mais diversas aprendizagens das crianças. Precisamos entender que quando coletamos dados para construir uma mini-história não estamos acumulando narrativas soltas e imaginárias sobre as crianças, mas sim construindo um documento que auxilia a compreensão da criança numa prática pedagógica.

As mini-histórias, para Vecchi (2013, p. 212), são “grandes exercícios de escuta das situações, que se transformam em um grande instrumento de estudo para compreender melhor as crianças em uma forma de comunicação que pode ser facilmente compartilhada”. O autor ainda salienta que são breves situações do cotidiano escolar, de modo a conseguir expressar as ideias das crianças para as famílias – uma via de mão dupla, em que se mantém o diálogo com a família e os profissionais da escola.

Por sua vez, Altimir (2010, p. 84) realça que a mini-história “é uma forma de escutar as crianças e de ajudar as famílias a escutar seus filhos. “[...] Se trata de pequenos relatos, alguns com denso passado, outros com muito futuro e, alguns, simples instantes”. Este autor destaca a importância de saber escutar e olhar a criança em uma dimensão reflexiva, em que o adulto elabora relações com as atuações das crianças no cotidiano escolar. O mesmo autor reforça os diferentes tempos para as aprendizagens e maneiras como a narrativa das mini-histórias podem explicitar os momentos e processos de construção do conhecimento da criança.

Ao se comunicar por meio das mini-histórias, os professores constroem uma espécie de homenagem às capacidades e aprendizagens das crianças, como atores principais de sua história. Esta homenagem pode mostrar e divulgar o modo e o sobre o que é que as crianças aprendem na relação adulto e criança. Os professores passam a se interessar cada vez mais pela potência reveladora das fotografias sobre “gestos, olhares e expressões a partir de imagens no lugar das narrativas verbais das crianças” (Fochi, 2019, p. 103).

Desta maneira, as imagens assumem uma função importante na construção das narrativas visuais, pois para Fochi (2019, p. 104), “[...] valer-se das imagens e de uma narrativa praticamente visual era a metáfora que o pedagogo precisava para discutir o valor das interações entre as crianças mesmo na ausência da palavra”. Neste sentido, a importância da documentação pedagógica, em especial das mini-histórias, está na forma de buscar escutar as crianças e refletir sobre como oferecer essa escuta. Para além de registros mecânicos, essa escuta é um processo de reflexão em cada material produzido, seja por meio de fotos, vídeos, registros escritos ou tantas outras possibilidades. Essa ação de documentar a dimensão pedagógica permite escutar e ser escutado mediante documentos que evidenciam o aprendizado individual ou coletivo das crianças (Galvani, 2016).

Uma vez que o protagonismo da criança é evidenciado nas mini-histórias, o professor também é considerado como tal na documentação pedagógica, já que é por meio do trabalho docente que ela é realizada, abrindo espaço para as subjetividades do profissional e para a reflexão sobre como ele tem avaliado seu próprio trabalho. Assim, Galvani explica que:

A documentação pedagógica é um processo de visualização, é poder enxergar visualmente o que os educadores selecionam como valioso, a voz que dão às crianças.

Esse material precioso depende do olhar do professor, do olhar que escuta, do olhar que questiona, e não apenas o que deseja mostrar aos pais, pois é tornar evidente para si mesmo e para as crianças suas potencialidades e suas experiências (Galvani, 2016, p. 53).

Compreende-se, portanto, que a documentação pedagógica é um instrumento em potencial, pois revela o desenvolvimento infantil. Por meio dela o trabalho docente pode ser avaliado, partindo sempre do princípio de uma concepção de criança capaz. A mini-história configura-se como um procedimento de documentação pedagógica que condensa o movimento de escuta à criança, potencializando um olhar pedagógico que acolhe e admira, que se aproxima e captura os fragmentos invisíveis do cotidiano, registrando as riquezas dos modos de vivência da criança.

Neste trabalho foram analisadas algumas mini-histórias que evidenciam o protagonismo infantil. Neste sentido, professor e crianças, juntos, repensam as vivências e, ao refletir sobre elas, podem melhorar ou dar continuidade, reafirmando seu caminhar. O objetivo principal do artigo é fazer uma análise das práticas pedagógicas realizadas pelos professores tendo a documentação pedagógica como suporte para revisitar a sua prática, com a finalidade de melhorar e dar visibilidade às aprendizagens realizadas pelas crianças. É importante destacar que as mini-histórias têm papel fundamental no planejamento do professor, na organização de materiais e na visibilidade das aprendizagens para a comunidade escolar.

## **2 METODOLOGIA**

Esta pesquisa começou com o esclarecimento dos objetivos junto a direção e coordenação da escola para receber a autorização para realizá-la com as crianças no espaço escolar. Posteriormente, com as famílias, fez-se igualmente uma explanação dos objetivos da pesquisa e qual seria a função/papel das crianças na mesma. Após autorização formal das famílias e da direção da escola, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da UNIJUÍ e aprovado com o parecer número 3.658.202. Depois da aprovação foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a todos os pais das crianças para que elas pudessem participar efetivamente da pesquisa.

Após a assinatura dos termos, as observações das crianças em ambiente escolar foram iniciadas, com registros em sequências fotográficas e dos diálogos entre elas em um diário de bordo dos dois professores da turma, um dos quais é o autor da pesquisa. Estes registros, posteriormente, foram transcritos para a organização das mini-histórias.

A investigação foi realizada com um grupo de 19 crianças (14 meninos e 5 meninas) com idade entre 5 e 6 anos, em um período de 3 meses. As observações ocorreram dentro e fora da sala, com a participação dos professores e em horários aleatórios, conforme a disponibilidade da turma escolhida. Além disso, essas observações contemplaram diversas vivências das crianças na sala de aula e no pátio.

Foi estabelecido como critério para as observações e registros, aquelas atividades realizadas em grupo e de maneira espontânea com possibilidade de construção de autonomia e aprendizagens desde a curiosidade das crianças, em diálogos umas com as outras. A maioria das ações foram em grupo, mas algumas individuais decorrentes daquelas coletivas foram registradas e analisadas, visto que possibilitaram reconhecer os avanços no desenvolvimento de cada criança, naquele período.

Os registros resultantes dos diálogos realizados pelas crianças entre si e com os professores, no diário de bordo, e a sequência fotográfica desta vivência, constituíram os fundamentos para a elaboração das mini-histórias. Esse conjunto compôs a documentação pedagógica desta turma. Os diálogos entre professor e crianças são aqueles que aconteceram quando as crianças são instigadas a pensar sobre e constituir uma narrativa oral das atividades

executadas para todos os envolvidos. Elas fazem perguntas que podem ou não ser respondidas. É importante lembrar que após os registros fotográficos e anotações, elas tiveram acesso ao material, somente após a escrita da mini-história. Tal procedimento foi executado pelo fato de os professores produzirem uma minuciosa coleta de dados e seleção de fotos em sequência bastante criteriosa. Não somente as crianças, mas principalmente as famílias têm acesso às mini-histórias que propiciam perceber as aprendizagens desenvolvidas naquele período.

Ao abordar as mini-histórias como elemento da documentação pedagógica percebemos que elas têm função essencial no processo de evidenciar o protagonismo infantil. A escrita, a partir de uma sequência de fotografias, não é uma tarefa fácil, pois provoca no professor muitas interpretações sobre o contexto em que a fotografia foi obtida, na busca de salientar o protagonismo infantil. Uma vez que a função de fotografar é repleta de significados, é preciso atenção ao modo como os registros são realizados, para não tirar o protagonismo da criança. A fotografia e a escrita sobre as atividades e atitudes delas, em determinado momento, foram as principais maneiras de compreender e aproximar as interações estabelecidas com o campo da pesquisa, a prática e o conhecimento do professor.

Para compreender os registros é necessário olhar para aquilo que se pretende com a fotografia. Não há, na prática pedagógica com crianças de 5 e 6 anos, a possibilidade de registrar todas as vivências. Devido a esta dificuldade é necessário fazer o recorte e selecionar evidências de protagonismo, aprendizagens e autonomia naquilo que produziu algum sentido. Pillar (2009, p. 13) afirma que “o que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo”.

Após o professor propor uma mini-história com as fotos feitas anteriormente, as crianças ouviram a leitura de cada uma pelo professor e complementaram os registros quando necessário. Cabe destacar que as crianças, autoras das mini-histórias apresentadas, foram identificadas por nomes fictícios.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir das discussões iniciais de como tornar as aprendizagens das crianças visíveis, os professores perceberam que as mini-histórias tinham uma função central de evidenciar, além de registrar as aprendizagens das crianças. Os professores perceberam que não bastava escrever as mini-histórias, elas precisavam ser vistas e isso fez com que as mini-histórias fossem sendo coladas no mural e na porta da sala. As mini-histórias precisavam, também, estar à altura das crianças para que elas pudessem observar e se enxergar nos mais diversos momentos, pois quando as mini-histórias eram expostas, as crianças chamavam os pais para mostrar o que elas haviam feito e estavam aprendendo. Esse processo ocorreu de forma gradual, mas foi necessário refletir sobre ele e entender o porquê estava sendo feito.

Após as observações, registros fotográficos e anotações, foi iniciado o processo de análise das mini-histórias para que se pudesse perceber quais as aprendizagens que haviam sido realizadas durante aquele processo e objeto deste trabalho. Desta análise, evidenciamos, em cada grupo, aprendizagens diferentes compartilhadas com os colegas, não só naquele momento, como posteriormente incentivando os diálogos entre as crianças em outros momentos da aula.

A mini-história “Caretas mil da Rafaella” (Figura 1) indica que o aprendizado da criança ao pular corda vai além do ritmo usado para não se encostar na corda. Há, ainda, o ritmo em que a música é cantada, conforme os colegas que torneiam a corda e não quem está pulando. Quem está torneando a corda determina a velocidade na qual a brincadeira irá ocorrer, se mais lenta ou mais rápida. O nome desta mini-história decorre das caretas feitas pela Rafaella ao pular corda. Estas caretas mudam conforme a velocidade do movimento e a música cantada pelas demais crianças, que esperam a sua vez de pular corda. Além disso, demonstram o esforço e as conquistas de Rafaella no processo, visto que inicialmente ela não conseguia pular.

Constata-se que o ritmo musical vai ajudando na atividade motora das crianças, como se constata na leitura desta mini-história.

Figura 1 – Mini-história “Caretas mil da Rafaella”



## Caretas mil da Rafaella

A importância de mover a língua e fazer careta para pular corda.

Só assim para dar certo:

Se preparar;

Dar impulso;

Mexer a língua (na bochecha, nos dentes ou colocar ela pra fora);

Ou fazer careta;

Também vale risos e gargalhadas;

Então tirar o pé do chão, para dar espaço para a corda passar por baixo;

Vale impulsionar com os braços;

Também segurar o ar, pra poder subir mais alto.

Euforia quando dá certo!

Recomeçar, quando dá errado.

E após muitos pulos, acompanhados por uma música (*Suco gelado, cabelo arrepiado...*) que segue o ritmo da corda e saltos das crianças, podem voltar ao estado de repouso com os pés no chão.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 2 encontra-se a mini-história “Hummmmm... Será que ficou gostoso?”, que se desenvolve no ambiente criado pelos professores na pracinha da escola, enriquecido com as doações das famílias. Nesta pracinha encontra-se uma cozinha com alguns eletrodomésticos, que não funcionam mais e nem causam riscos às crianças, disponibilizados pelas famílias para que eles possam brincar. Ainda, foram disponibilizadas bacias, panelas, colheres e garfos recebidos dos familiares. A criação deste espaço pelos professores ocorreu porque as crianças gostavam de brincar de fazer “comidinha” com areia, sementes de árvores e pedrinhas, encontradas na pracinha.

Com a organização do espaço, na forma de uma cozinha, percebe-se que algumas crianças usavam temperos e, com isso, foram plantadas, em algumas floreiras, salsa e cebolinha, para serem usadas na preparação das comidinhas. Com esta plantação, contribuiu-se para a aprendizagem não só do que se relaciona com afofar a terra, adubar, semear e molhar, mas também, com as competências relacionadas à responsabilidade de cuidar das plantas à medida que iam crescendo. A cozinha foi usada tanto por meninas como por meninos, que gostavam de ir para lá sempre que estavam na pracinha.

Esse fato foi relevante para a observação diária e, posteriormente, na elaboração da pesquisa sobre as evidências do protagonismo infantil. A escrita da mini-história foi realizada de maneira cuidadosa, para que as crianças não percebessem que estavam sendo fotografadas, e continuassem nas atividades espontaneamente. Assim, por vezes, os registros eram realizados a certa distância não interferindo nas brincadeiras e aprendizagens das crianças.

Figura 2 – Mini-história “Hummmmm... Será que ficou gostoso?”

**Hummmmm... Será que ficou gostoso?**



O que será que eu vou cozinhar? Esta era a pergunta que Rafaela fazia a si mesma olhando para as panelas no fogão. Neste momento chega Juliana e as duas começam a mexer nas panelas. Logo após vendo as meninas mexer nas panelas chega Davi e começam a fazer “comidinhas”.

O fazer comidinhas não se restringe somente ao fogão, como pode ser visto o micro-ondas tem ótima função na cozinha. Como diz Rafaela:

- Posso esquentar coisas e ele avisa quando está pronto.

Procurando ingredientes para cozinhar, Rafaela enxerga numa floreira temperos como salsa e cebolinha. Pede autorização se podem tirar algumas folhas e assim seguem cozinhando.

- Não vai ficar legal se por os temperos inteiros, temos que cortar. Diz Juliana.
- Mas cortar com que? Diz Rafaela.

Juliana já partindo com as mãos as folhas de cebolinha mostra que desta maneira também pode dar certo. Nisso já chegam outros colegas para ajudar como João e Matheus.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

A mini-história “A invenção de Pedro” (Figura 3) demonstra como o uso de simples pedaços de madeira e pneus podem se transformar em uma grande brincadeira. Com a orientação de Pedro, os colegas transformaram simples materiais em brincadeira, o que os manteve entretidos por um longo período. Pedro colocou-se como protagonista da brincadeira, orientando os demais colegas e analisando qual a melhor maneira para que todos pudessem brincar. O brincar resultou igualmente das observações realizadas pelas crianças: o que era para ser apenas um escorregador tornou-se uma rampa para rolar os pneus e, assim, conseguiram observar a distância que o pneu percorria na quadra.

Figura 3 – Mini-história “A invenção de Pedro”

## A invenção de Pedro

Durante a brincadeira na pracinha, Pedro resolveu apoiar as madeiras no caminho de pneu. Com cuidado, ele apoiou uma madeira de cada lado. Depois, tentou unir as madeiras no topo do pneu. Alguns amigos então se juntaram a ele na brincadeira.

Pedro ia orientando a construção  
***Coloca assim... Não tão pra cima... Espera, deixa que eu ajeito.***

E assim, a construção foi ganhando forma, ficando do jeitinho que Pedro esperava. Ao finalizar tiveram uma ideia para aproveitar as rampas que haviam sido formadas: “Que tal escorregar?”

E assim os meninos fizeram. Cada um escorregou uma vez. E então resolveram mudar um pouco a brincadeira “Será que dá pra colocar o pneu pra escorregar?” Eles testaram. E deu certo.

Então mais amigos se juntaram a brincadeira. E dividiram as tarefas:

- Subir o pneu na rampa e soltá-lo;
- Acompanhar a descida do pneu;
- Acompanhar o pneu rolando na quadra;
- Trazer o pneu de volta para a pracinha, para a brincadeira recomeçar.

Tinha até torcida e contagem regressiva na espera do pneu rolar pela rampa.

E assim, Pedro e os amigos se divertiram, observando a reação quando empurravam o pneu mais forte, ou quando hesitavam na força. Descobrimos as melhores maneiras de fazer a brincadeira dar certo.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na mini-história da Figura 3, Pedro e seus amigos subiam o pneu na rampa, soltavam e observavam a distância percorrida. Após isso, buscavam o pneu, e a brincadeira recomeçava com outro colega soltando-o. As crianças perceberam que não basta somente soltar o pneu para ele rolar pela rampa e que ao empurrarem com força, ele andará mais rápido e irá mais longe. Tais aprendizagens são descritas não de forma direta na mini-história, mas as mesmas acontecem e são percebidas quando da observação da brincadeira e da leitura da mini-história.

Outras mini-histórias remetem a momentos que as crianças vivenciam em sala de aula, como mostrado na Figura 4. Neste momento, o professor deixou as crianças se organizarem em pequenos grupos na sala de aula e pediu que fizessem um desenho coletivo, porém de forma livre. As crianças planejaram o que podia ser desenhado e assim uns auxiliaram os outros dando sugestões, de modo que o desenho tivesse um significado.

Tal mobilização para produzir o desenho demanda que as crianças tenham conhecimentos anteriores do que pode ou não ser registrado, como quando Ana diz “pode ser um arco-íris bem grande” e o colega, logo em seguida, completa dizendo “precisa ter sol”. Nesta parte da mini-história existe um conhecimento adquirido antes de fazer o desenho e as crianças expõem este aprendizado para os colegas.

O diálogo que elas mantêm entre si para executar a atividade proposta faz refletir sobre a autonomia dada pelo professor e seus desdobramentos no desenvolvimento das crianças. Foram encaminhadas várias ações, tais como: a organização do grupo; um desenho coletivo; o que desenhar; a elaboração de um arco-íris e a proporção do tamanho das pessoas desenhadas em relação aos demais itens do desenho. A autonomia propiciada pela livre iniciativa, após as recomendações gerais, propiciou o protagonismo dos envolvidos na contribuição de cada um no desenho coletivo, oportunizando a participação e as escolhas para expressar o que desejavam.

Figura 4 – Mini-história “Desenho coletivo”





**DESENHO COLETIVO**

Sob a orientação do professor os alunos do pré 2 foram desafiados a fazer um desenho coletivo em folha A4. Após todos receber a folha Ana Julia pergunta:

- Como vamos fazer um desenho? Todo mundo desenha?

Antônia logo explica.

- Sim, todos nós. Mas cada um desenha de uma vez.

Miguel meio encabulado pergunta.

- O que vamos desenhar?

Vitor Henrique somente observa sem questionar nada. Antônia e Ana pegam a folha e começam a falar o que poderia ser feito de desenho.

- Pode ser um arco-íris bem grande. E embaixo do arco-íris pode ter pessoas. Eu desenho o arco-íris. Diz Ana.

Antônia comenta.

- Para ter arco-íris precisa ter chuva.

Miguel diz.

- Precisa ter sol.
- Então o sol o Miguel faz. Diz Ana.
- As pessoas o Vitor faz, mas tem que fazer gente grande, não pode ser pequena. Diz Antônia.

E assim o desenho coletivo foi sendo criado com a colaboração de todos como o planejado previamente.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Podemos fazer uma comparação entre os momentos descritos nas mini-histórias das Figuras 4 e 5. Na Figura 4 não há interferência do professor, as crianças mantêm um diálogo aberto onde o professor é mero observador.

Já na Figura 5 a professora participa questionando a criança sobre o que está construindo e ela prontamente responde. A professora então insiste continuando o questionamento e a criança responde mostrando também que há aprendizagens anteriores e que ela tem a convicção que aquela é a forma correta de se fazer um foguete. Davi toma todos os cuidados para construir o foguete, não esquecendo que ele tem motores que o levam até o espaço e que somente de lá o astronauta pode observar a Terra.

Figura 5 – Mini-história “Foguete”



#### FOGUETE

Durante uma aula quando as crianças exploravam materiais diversos observa-se Davi fazendo uma construção. Professora Suelen aproxima-se e pergunta:

- O que você está construindo?

Davi então responde já falando como tudo funcionava.

- Estou fazendo um foguete. O foguete pode voar.

- Como ele pode voar? Pergunta professora Suelen.

-Ele tem motores que levam ele até o espaço, chegando lá o astronauta pode ver a terra de longe?



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A escrita de ambas as mini-histórias nos faz pensar que a metodologia empregada pelo professor para a construção das mini-histórias proporciona momentos de aprendizagens e de desenvolvimento de habilidades para que as crianças tomem gosto pela pesquisa e assim se formem cidadãos pesquisadores, não somente em sala de aula, mas também fora da escola.

Há a necessidade do observador saber ler o momento que observa. Para que isso aconteça, não basta somente escrever a mini-história do que observa, mas tem de ter uma sensibilidade maior para perceber as aprendizagens, nos pequenos gestos, que as crianças realizam ao brincar. Para Santana e Vilar (2023, p.71),

Um educador que olha para a educação da criança envolta nos diversos saberes e práticas do cotidiano, pensa e constrói um projeto mais amplo de educação, pois as práticas pedagógicas com intencionalidades educativas/formativas convidam para o autoconhecimento e conseqüentemente o entendimento da relação que precisa ser estabelecida.

Estes olhares devem estar atentos aos pequenos gestos e palavras, que mostram muito das aprendizagens anteriores às vivências propostas e desenvolvidas durante as brincadeiras.

Desta maneira, os processos de desenvolvimento surgem nas pequenas interações cotidianas com outras crianças e tem uma relação estrita com o currículo da Educação Infantil, tal como afirmado por Carvalho e Fochi (2017, p. 29):

Desse modo, defendemos que o cotidiano, em sua relação com o currículo, é um importante catalisador de experiências. Acreditamos que é a partir da potência do cotidiano (da vida emergente das relações ordinárias estabelecidas no contexto institucional) que podemos pensar no desenvolvimento de potentes ações pedagógicas que propiciem às crianças assumirem o papel de protagonistas na construção dos conhecimentos e de parceiros de jornada com os adultos professores.

As práticas desenvolvidas com crianças, mesmo com aquelas entre 3 e 4 anos, devem ter um cuidado estético e uma responsabilidade educacional. As crianças merecem e precisam ser respeitadas, no sentido de o professor pensar em formas de despertar novas aprendizagens e propiciar com rigor científico experiências que promovam o desenvolvimento autônomo.

É necessário pensar e planejar a jornada das crianças, refletindo qual a melhor maneira de dar visibilidade às práticas desenvolvidas, a fim de que o trabalho realizado seja visto e apreciado não só pela comunidade escolar como também pelas famílias. As mini-histórias vêm ao encontro dessa necessidade, mostrando que o cotidiano tem muita importância para a criança e é um grande potencializador de aprendizagens evolutivas, especialmente quando o adulto consegue desenvolver um olhar empático, sensível e com respeito pelos saberes e fazeres da infância.

Nesta fase da infância é imprescindível reconhecer a criança como um ser de direitos, o que implica estar em constante formação, com respeito à criança e à própria profissão. As mini-histórias além de evidenciarem as aprendizagens das crianças, como maneira de comunicação entre a família e a escola, tem a função de salientar o protagonismo da criança e isso só ocorre caso tenha um olhar atento e sensível ao cotidiano da criança.

Ao analisarmos as mini-histórias percebemos que para a escrita foram utilizados diálogos das crianças umas com as outras e com a professora, percebeu-se que, quando as crianças desenvolvem atividades de forma grupal, as falas tendem a ser espontâneas, não necessitando a intervenção do professor. O protagonismo infantil fica mais efetivamente expresso em mini-histórias com mais de uma criança, pois a existência de várias crianças interagindo proporciona participação ativa nos diálogos e nas vivências.

As mini-histórias assumem a função de trazer à baila não só o protagonismo infantil, mas provocar o professor a revisitar sua prática pedagógica, procurando diferentes possibilidades de fazer com que todas as crianças participem ativamente das vivências que mais lhe agradem, tanto na sala de aula como no pátio da escola.

Uma mesma mini-história pode envolver várias crianças, de modo que cada criança recebe no final do ano uma pasta com as mini-histórias, que protagonizou ou não, com seus colegas. Há a produção coletiva e colaborativa, que incrementam as aprendizagens pessoais e sociais. Para que esta ação se concretize são feitas cópias impressas em número igual ao das crianças presentes naquela mini-história.

É importante realçar que as crianças interagem muito nessa faixa etária, sendo incentivadas ao respeito e ao carinho, durante todo este processo e não só para que o grupo demonstre afetividade e respeito entre si, sempre se ajudando nas questões cotidianas. Quando se está a preparar uma sequência de imagens, que pode resultar em uma mini-história, as crianças são incentivadas a praticarem ações grupais. Esta interação se encontra associada à possibilidade de construção da autonomia na interdependência, a fim de que as mini-histórias sejam realmente naturais, resultando das ações, curiosidades e produções.

Cabe salientar a necessidade e o papel fundamental do professor para registrar e ter um olhar sensível da realidade, das sutilezas e das emoções que brotam e rodeiam o cotidiano da escola, desenvolvendo uma relação empática e sensível com o entorno.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O registro imagético e o escrito permitem encontrar as impressões e o olhar do professor sobre a sua prática e configura-se como decorrência essencial da observação. Pensar a atuação pedagógica, mais do que simplesmente propor algo pronto e acabado, é refletir sobre as ações a fim de compreender a complexidade das relações humanas para que a mediação das novas experiências constituam outras relações de aprendizagens, protagonismo e autonomia.

A fotografia, por esse ponto de vista, auxilia a documentação das práticas pedagógicas propostas e suscita preocupações que precisam ser pensadas com mais cuidado. Esta deverá ser tratada como ferramenta da prática docente, não podendo ter seu fim apenas para a comprovação das coisas ou como produto dos processos realizados. Antes de mais nada, os questionamentos e aprendizados elaborados no processo de constituição do conhecimento do professor ampliam o reconhecimento das atividades pedagógicas, intencionalmente organizadas no cotidiano escolar como promotoras do desenvolvimento das crianças.

Estes registros, realizados na escola, servem para dar visibilidade às aprendizagens das crianças para as famílias e comunidade escolar. O professor está sempre exercitando o hábito da pesquisa com as crianças, pela criação de hipóteses e pelo uso de diferentes materiais, principalmente na Educação Infantil, a qual é uma fase de descobertas na vida das crianças.

Tais práticas, que são desenvolvidas e registradas com as crianças, precisam ter um cuidado visual e uma intencionalidade, pois as crianças precisam ser respeitadas no sentido de o professor pensar e repensar a sua prática de forma cotidiana, a fim tanto de despertar interesse como também incrementar novas aprendizagens para as crianças.

Estas novas aprendizagens pretendem, por sua vez, desenvolver a autonomia e evidenciar o protagonismo. Cabe assim, ao professor, pensar e planejar previamente ações para as crianças e com as crianças, a fim de que estas sejam desafiadas, tenham novas aprendizagens e no fim do seu trabalho organizem uma maneira de dar visibilidade ao processo desenvolvido.

Desta maneira, as mini-histórias vêm ao encontro de tudo isso, mostrando que o cotidiano da escola tem grande relevância e que ele é um grande potencializador de aprendizagens, principalmente quando o professor consegue desenvolver um olhar sensível e de respeito sobre os saberes da infância. Vislumbramos que as mini-histórias, como documentação pedagógica, embora relativamente nova na Educação Infantil, ocupa um lugar significativo para as crianças, os professores e as famílias.

Percebemos que para elaborar a escrita das mini-histórias é necessário, por parte do professor, um olhar sensível, que capte os menores detalhes dos acontecimentos e os registre por fotografias. Essas têm o papel de captar os momentos em que ocorrem as aprendizagens para posteriormente fazer a escrita. Escrever as mini-histórias é valorizar cada hipótese criada pelas crianças, cada aprendizagem construída e principalmente dar visibilidade aos momentos significativos em que foram constituídas. Compartilhar estes momentos com outras pessoas propicia ao professor analisar reflexivamente seu planejamento para propor outras atividades e reconhecer que o protagonismo infantil precisa ser incentivado.

A constituição de uma mini-história passa pela sequência fotográfica, a escolha das fotografias corretas até a escrita. Esta parte escrita tanto pode ser uma narrativa do professor como uma transcrição dos diálogos com as crianças. Deste modo, a criança reconhece a sua pertença a determinado acontecimento e momento em que o protagonismo dela é evidenciado mais claramente.

Compreendemos que as crianças são capazes de reconhecer e inserir-se no mundo que a cerca. Uma escola de Educação Infantil deve valorizar todas as formas de expressão e ser capaz de articular aprendizagens colocando a criança como protagonista. Os professores e as crianças precisam ser agentes de mudança social no processo de ensino pela via da autonomia e da curiosidade, no sentido de desenvolver práticas reflexivas e em diálogo com os problemas contemporâneos. Ainda, aperfeiçoar a capacidade de fazer experiências estimuladoras de tomadas de decisão responsável sobre o mundo.

Dessa maneira, as mini-histórias representam uma forma de aprendizagem, de construção do conhecimento sustentado em práticas e planejamentos na Educação Infantil, por meio de atos de criação, partilha e abertura às novas construções nesse movimento virtuoso que articula a perspectiva das crianças. Destacamos ainda a importância da formação do professor,

pois o profissional que trabalha com a primeira infância precisa provocar e ser estimulador de múltiplos conhecimentos, além de estar em constante atualização.

Concluimos que é possível desenvolver um trabalho de qualidade na Educação Infantil, mas requer profissionais engajados e capacitados, que possam ir além do amor pelo que fazem, buscando novas formações e saberes necessários à prática educativa que desenvolvem. Encerramos com a ideia de que os profissionais da Educação Infantil precisam mostrar suas práticas pedagógicas como forma de inspirar e sensibilizar as crianças e os familiares para uma educação de qualidade, consolidando assim um processo pedagógico de (re)construção de significados, pois com essas práticas certamente o panorama educacional pode ser alterado. A visibilidade e o reconhecimento dessas práticas trarão consequências positivas ao desenvolvimento infantil articulado ao trabalho desenvolvido, o que acontece com uma boa dose de comprometimento pela educação e aposta em seu potencial de transformar o mundo.

## REFERÊNCIAS

ALTIMIR, D. *Como escuchar a la infancia*. Barcelona: Octaedro, 2010.

CARVALHO, M. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização dos espaços em instituições pré-escolares. *In*: OLIVEIRA, Zilma Morais (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, M. C. Por que as crianças gostam de áreas fechadas? Espaços circunscritos reduzem as solicitações de atenção do adulto. *In*: FERREIRA, M. C. R. **Os fazeres na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. **Em Aberto**, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017.

FOCHI, P. S. (org.). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do observatório da cultura infantil**. Porto Alegre: OBECI, 2019.

FOCHI, P. S. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. 2019. 347 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2019.

FOCHI, P. S. **Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?** Documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.

GALVANI, V. M. **Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas**. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP, 2016.

PILLAR, A. D. Leitura e releitura. *In*: PILLAR, A. D. (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: mediação, 2009.

SANTANA, J. C.; VILAR, J. C. A relação sociedade–natureza a partir da pedagogia Waldorf. **Revista Vitruvian Cogitationes**, Maringá, v. 4, n. 1, p. 60-76, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/rvc.v4i1.67446>.

VECCHI, V. **A arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. Traduzido por Thais Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2017.

VECCHI, V. Prólogo. In: HOYUELOS, A. *La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Ioris Malaguzzi*. Barcelona: Octaedro, 2006.

VIAL, I. P. **Documentação pedagógica no berçário**: reflexões, registro e propostas. 2014. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2014.

**Submetido em:** 31/07/2023

**Aprovado em:** 18/08/2023

**Publicado em:** 22/08/2023



Todo o conteúdo deste periódico está sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), exceto onde está indicado o contrário.